

# Olimpíada de História Militar: uma possibilidade educacional

Military History Olimpiad Contest: an educational possibility

Olimpiada de Historia Militar: una posibilidad educacional

Cel R1 Cláudio Passos Calaza  
Mestre em Ciências Aeronáuticas - UNIFA  
Academia da Força Aérea - AFA  
Pirassununga/SP - Brasil  
rosalinicalaza@lancernet.com.br

Tânia Regina Pires de Godoy  
Doutora em Fundamentos da Educação - UFSCar  
Academia da Força Aérea - AFA  
Pirassununga/SP- Brasil  
taniagodoy@globomail.com

## Resumo

Tratando-se de uma área do conhecimento comum à formação dos quadros da oficialidade nas três Forças Singulares brasileiras, a História Militar está imbuída de uma qualificação que atende a um dos critérios básicos na educação castrense, qual seja: é o estudo da História especializada na arte da guerra como um substituto da experiência direta em um conflito e um subsídio teórico na constituição do pensamento do futuro estrategista militar de cada Força. Por isso, torna-se relevante reforçar a motivação no aprofundamento do estudo dessa matéria, e uma das maneiras consagradas no processo de ensino-aprendizagem consiste em aliar o conteúdo ao lúdico na apreensão do conhecimento. Como no ambiente castrense a emulação é estimulada e a integração entre as Forças é propósito anunciado na Estratégia Nacional de Defesa enquanto política de Estado, este artigo analisa, sob os aspectos pedagógicos e da educação militar, as diversas iniciativas das competições escolares, tendo em vista a proposição de uma olimpíada de conhecimentos em História Militar. Esta seria disputada entre os aspirantes da Escola Naval e os cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras e da Academia da Força Aérea como uma estratégia educativa, motivacional e como forma de estabelecer mais um momento de contato entre os discentes militares numa competição de base intelectual.

**Palavras-chave:** Educação castrense. Ensino de História Militar. Motivação educacional. Emulação no ensino de História Militar.

Recebido / Received / Recebido  
13/10/11

Aceito / Accepted / Acepto  
25/06/12

## ABSTRACT

*In the case of an area of common knowledge to the training of cadres of formality in three Brazilian Military Forces, the Military History is imbued a qualification that meets one of the basic criteria in military education, it mean: what is the study of history specialized in the art of war as a substitute for direct experience in conflict and a theoretical allowance in the constitution of the thought of the future military strategist of each Force. Therefore becomes important to reinforce the motivation of more in-depth study of this matter and one of the ways enshrined in the teaching process consists in combining the knowledge to playful in seizure of knowledge. As the environment is stimulated castrense emulation and integration among the services is announced purpose in National Defense Strategy as state policy, this article analyzes under the pedagogical aspects of education and military initiatives of the various school competitions in order to proposition of a knowledge Olympiad in Military History. This was disputed between the aspirants of the Escola Naval and the cadets of the Academia Militar das Agulhas Negras and the cadets of Academia da Força Aérea as an educational strategy, and motivational as a way to establish another moment of contact between learners in a military contest of intellectual base.*

**Keywords:** Military education. Teaching Military History. Educational motivation. Emulation in teaching military history.

## RESUMEN

*En el caso de un área del conocimiento común a la formación de los cuadros de las tres Fuerzas Militares Brasileñas, la Historia Militar presenta una calificación que atiende a uno de los criterios básicos en la educación militar, que es: el estudio de la Historia especializada en el arte de guerra como un sustituto de la experiencia directa en un conflicto y un soporte teórico en la formación del pensamiento del futuro estrategista militar de cada Fuerza. Por eso es importante que se refuerce la motivación para ahondar el estudio de este contenido, y una de las maneras consagradas en el proceso de enseñanza y aprendizaje es añadir el lúdico al contenido, en el momento de asimilar el conocimiento. Como en el ambiente militar la emulación es incentivada y la Integración entre las Fuerzas es un propósito anunciado en la política de Estado de la Estrategia Nacional de Defensa, este artículo realiza un análisis, bajo los aspectos pedagógicos y de la educación militar, las variadas iniciativas de las competiciones escolares, con el objetivo de proponer una olimpiada de conocimientos en Historia Militar. Esta sería disputada entre los aspirantes de la Escuela Naval y los cadetes de la Academia Militar de las Agulhas Negras y de la Academia de la Fuerza Aérea como estrategia educativa, de motivación y como forma de establecer un momento más de contacto entre los estudiantes militares en una competición de base intelectual.*

**Palabras clave:** Educación militar. Enseñanza de Historia Militar. Motivación Educacional. Emulación en la Enseñanza de la Historia Militar.

## INTRODUÇÃO

O final do século XX e o início do XXI caracterizaram-se por grandes mudanças em praticamente todos os setores da vida humana. Essas transformações trazem fatos marcantes, dentre os quais se destacam: a globalização dos mercados, o crescimento exponencial do conhecimento humano, a valorização da eficiência e da competitividade. Em meio a essa diversidade de inovações, não se pode deixar à margem a educação, mas deve-se inseri-la no processo e adaptá-la às novas necessidades de sua clientela. O sentido da educação nos países desenvolvidos engloba eficiência e competitividade na constituição do conhecimento. Assim, como afirma Libâneo,

Diante dessas exigências, a escola precisa oferecer serviços de qualidade e um produto de qualidade, de modo que os alunos que passem por ela ganhem

melhores e mais efetivas condições de exercício da liberdade política e intelectual. É este o desafio que se põe à educação escolar neste final de século. (LIBÂNEO, 2001, p. 34).

Nos últimos anos, o processo de ensino-aprendizagem tornou-se sobrecarregado pelas inúmeras imposições curriculares e fortemente influenciado pelas modernas técnicas pedagógicas. Da mesma forma, na educação militar, desafios se impõem na busca pela excelência.

Por outro lado, incrementar a interoperabilidade das três Forças Armadas é um dos pressupostos fundamentais dos mais recentes documentos que pautam as ações do Ministério da Defesa. São eles a Política Nacional de Defesa e a Estratégia Nacional de Defesa, de 2012. Essa desejada interoperabilidade encontra-se muito além dos limites impostos pelos protocolos de exercícios conjuntos entre Marinha, Exército e Aeronáutica. Ela

deve incluir, também, o intercâmbio entre políticas e práticas educacionais, integrando centros de instrução e escolas militares na busca pela melhor formação do combatente brasileiro para o século XXI.

Desde 1962, os corpos discentes da Escola Naval (EN), da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e da Academia da Força Aérea (AFA) integram-se, no campo das práticas desportivas, por meio da NAVAMAER<sup>1</sup>, a tradicional olimpíada entre as escolas militares iniciada em 1938, a partir da Taça Lage. Recentemente, sob os auspícios do Ministério da Defesa, a desejada interoperabilidade vem sendo estimulada em diversas áreas do campo militar.

A História Militar é uma disciplina fundamental, presente nas grades curriculares das três escolas militares, sendo seu conteúdo considerado propedêutico para o estudo da estratégia, da logística e da tática. O estudante da arte militar, ao se aprofundar no estudo da História, objetivando a preparação para enfrentar suas responsabilidades, sejam elas de ordem administrativa, sejam de ordem estratégica ou tática, espera, naturalmente, que essa disciplina lhe forneça os princípios práticos para guiar suas ações – mediante lições (WEIGLEY, 1981, p. 15).

Outrossim, desde 2005 uma interessante e bem sucedida iniciativa tem sido intensificada na área educacional no Brasil. A proposta vem acontecendo à margem do sistema oficial de educação e se caracteriza pela inovação e pelo pioneirismo de iniciativas isoladas. Trata-se da propagação das competições educacionais, também denominadas olimpíadas de conhecimento. Elas vêm crescendo tanto em termos de participantes como em número de modalidades. A maior parte delas foi criada a partir de suas correspondentes internacionais nas diversas áreas do saber, tendo por princípio a promoção de um ambiente lúdico e competitivo em favor da motivação para o estudo.

Tradicionalmente associadas à matemática e às ciências naturais, as olimpíadas de conhecimento apenas recentemente começaram a invadir o conhecimento humanístico. Em 2009, por meio de uma iniciativa do Museu Exploratório de Ciências da Unicamp, foi criada a primeira a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), envolvendo estudantes do ensino fundamental e médio. Em sua terceira edição (2011), a ONHB já se mostrava uma excelente ferramenta pedagógica na valorização do conhecimento histórico no ambiente escolar.

Dessa maneira, tendo por base os diversos objetivos educacionais, as experiências das competições esportivas

da NAVAMAER e as recentes e bem sucedidas iniciativas das olimpíadas de conhecimento, o presente artigo trata da proposta da criação de uma olimpíada de História Militar, a ser disputada entre aspirantes da EN e cadetes da AMAN e da AFA.

## 1 O SENTIDO DO ESTUDO DA HISTÓRIA NAS ESCOLAS MILITARES

O passado, tanto remoto como contemporâneo, das diversas instituições de ensino militar, revela ser a História uma tradicional ferramenta na formação profissional, utilizada como fundamento teórico na extração dos exemplos e ensinamentos. As mais reconhecidas academias militares de diversos países, notadamente daqueles que buscaram se destacar como potências militares, sempre atribuíram à História Militar uma posição de relevo em seus currículos. Segundo o pensador prussiano Carl Von Clausewitz, “os exemplos históricos esclarecem tudo; possuem, além disso, um poder demonstrativo de primeira categoria quando se trata de ciência empírica. Isso se verifica na arte da guerra mais do que em qualquer outro campo” (CLAUSEWITZ, 1979, p. 191).

O norte-americano Alfred Thayer Mahan, distinto educador e teorista do poder naval, afirmava que é na História Militar que vamos buscar a fonte de toda a Ciência Militar. Conforme encontramos em Chandler, Napoleão Bonaparte teria afirmado que

o conhecimento superior da Arte da Guerra só se adquire pela história das guerras e das batalhas dos grandes Capitães. Façam a guerra como Alexandre Aníbal, César, Gustavo Adolfo, Turenne, Frederico o Grande, Eugênio. Leiam e releiam criticamente a História de suas campanhas e guiem-se por elas. Eis o único meio de se fazer um grande General e aprender os segredos da Arte da Guerra. (CHANDLER, 1997, p. 89).

A autoridade da História Militar se afirma quando potências militares a compreendem como fonte para formulação das suas doutrinas militares de emprego. A História Militar como fundamento para o estabelecimento de doutrina militar só viria, efetivamente, a aparecer na Inglaterra, durante a década de 20 do século XX, com J. F. C. Fuller, que advogou a transformação da arte da guerra em ciência para seu melhor entendimento e aplicação. O autor afirma que “nos campos de batalha somos os artistas da guerra, mas nós estamos raramente nos campos de batalha. Grande parte de nossas vidas passamos nos preparando para a guerra, nas nossas salas de aula, nos nossos estudos e

<sup>1</sup> A denominação do evento esportivo foi baseada nas iniciais das escolas militares envolvidas na época, sendo que a atual Academia da Força Aérea era então denominada Escola de Aeronáutica.

nos campos de treinamento” (FULLER, 1926, p. 25).

Toda a instrução e todo o ensino militares sintetizam ensinamentos resultantes da pesquisa e do estudo crítico da História Militar, levado a efeito por chefes, planejadores, pensadores e historiadores militares críticos. Nas escolas de formação de oficiais, o ensino de História Militar é valorizado nos padrões de desempenho e nos programas de curso, destacando-se sua importância estratégica na formação do futuro líder militar. Ele se propõe como substituto da experiência direta em combate, garantindo a fundamentação teórica e proporcionando lições para o exercício de sua profissão numa situação real de conflito. O ensino desta disciplina é considerado, portanto, de maneira pragmática, como um instrumento utilitário na prática profissional do militar:

Na visão funcional do ensino, segundo a linha pragmática, os debates que não representarem um sentido prático a quem aprende devem ser preteridos. A educação, nesta vertente, deve buscar sempre um conhecimento aplicado à prática da existência humana. No caso da formação militar, o estudo dos T. Os. (Teatros de Operações de guerra) nos conflitos baseados na História devem transmitir conclusões irrefutáveis, para evitar angústias e inseguranças nas investigações que não resultem em uma interpretação única dos fatos. Por isso, é melhor adotar estratégias educativas que proporcionem resultados inquestionáveis, segundo a lógica pragmática da formação educativa. (OLIVEIRA, 2001, p. 97-98).

A respeito do interesse pelo conhecimento histórico para o profissional da guerra e de sua relevância, Samuel Huntington enfatiza:

A vocação militar é uma profissão porque acumula experiências que fazem um conjunto de conhecimentos profissionais. Na visão militar, o homem só aprende pela experiência. [...] Daí o gosto do militar pelo estudo da História. Pois a História é, na frase de Lidell Hart, “experiência universal”, e História Militar, como disse Moltke, é “o meio mais eficaz de ensinar guerra em tempo de paz”. Desse modo, a ética dá grande valor ao estudo metódico e objetivo da História. (HUNTINGTON, 1996, p. 82).

A motivação profissional e a liderança também são aspectos positivos a serem desenvolvidos pelo estudo da História Militar. É próprio das sociedades humanas, ao contrário de outras espécies animais, estarem constituídas e motivadas, em grande parte, por uma cultura herdada. Grupos sociais, dentre eles os militares, devem seu caráter distinto ao fato de compartilhar memórias e tradições sustentadas por valores herdados a partir de vultos e exemplos do passado. Dessa maneira, a História Militar torna-se necessária para gerar motivação ao profissional militar e também para lhe conferir um sentido moral.<sup>2</sup>

## 2 A QUESTÃO DA MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA MILITAR

O ensino tradicional garantia foco na aprendizagem de conteúdos, pois se acreditava que conhecer era apenas absorver e acumular conhecimentos. Atualmente, a questão está centrada em interpretar e selecionar informações na busca de soluções de problemas ou daquilo que temos vontade de aprender. O desafio para o moderno educador é coordenar o ensino de conceitos e proporcionar um ambiente efetivo de aprendizagem. Nesse contexto os educadores têm enfrentado o problema da ausência de motivação nos alunos para a aprendizagem. A motivação para a aprendizagem, de um modo geral, tornou-se um problema de ponta em educação, a sua ausência representa significativamente a queda de qualidade no ensino.

Essa questão também pode ser percebida no ambiente superior castrense, onde aspirantes e cadetes muitas vezes se revelam apáticos e desinteressados pelos conteúdos de determinadas matérias, embora se mantenham militarmente disciplinados. Tal situação aponta para diversas causas e origens. A intensa e exigente rotina acadêmica das escolas militares impõe a aspirantes e cadetes um processo de escolhas para a administração de seu curto e precioso tempo de dedicação aos estudos. Em geral se dizem compulsados a assimilar determinados conhecimentos de matérias julgadas por eles como dispensáveis para sua formação ou para os quais não encontram aplicabilidade profissional motivadora.

Instruções militares e práticas desportivas, em geral, competem com as demandas do ensino acadêmico das salas de aula. O aspirante ou cadete acaba sendo impelido a fazer escolhas com base no risco dos gargalos seletivos e exigências mais severas. Com isso, abandona aptidões naturais e interesses culturais. Esse também é um problema que atinge o ensino da História Militar, como o de outras disciplinas.

Os estudos realizados sobre o assunto enfocam os aspectos cognitivistas, a motivação intrínseca e extrínseca. O uso de recompensas e as metas de realização são tidos como fatores preponderantes para o conhecimento sobre motivação (BORUCHOVITCH, et al., 2001). O esforço, principal indicador de motivação, só é utilizado se o aluno acreditar na capacidade do êxito e, sobretudo, se ele se sentir atraído pelo desafio ou recompensado pela conquista.

De um modo geral, os temas de História Militar são bem aceitos pelos estudantes das academias militares. Reconhecem seu valor formativo e a aplicabilidade para o desempenho de suas futuras atividades profissionais.

<sup>2</sup> Essa preocupação com o sentido moral do ensino da História Militar é fortemente constatada na AMAN.

Pode-se perceber até que a História Militar desperta grande interesse e motivação em notável parcela de aspirantes e cadetes, mas as restrições de conteúdo impostas e as demais exigências acadêmicas acabam por deixá-la em segundo, ou mesmo em terceiro plano. O discente se limita a “entubar” (aceitar) o conteúdo, “cependo” (estudando) apenas para a realização de exames. Com isso, são inibidas vocações e desperdiçados talentos acadêmicos.

Experiências no ensino da História Militar na AFA demonstram como é raro, porém gratificante, ver um cadete da Aeronáutica dedicando-se, voluntariamente, à leitura de algum livro de História Militar. Desejável seria que cadetes e aspirantes tivessem maior oportunidade de desenvolver o gosto pela leitura da História Militar e pudessem ampliar seus conhecimentos assistindo a ilustrativos filmes sobre guerras e batalhas. Tais constatações indicam que os modelos atuais, efetivamente, não promovem o interesse e a motivação pelo estudo da História Militar nas academias militares.

### 3 O LÚDICO COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL

A educação por meio de jogos tem-se tornado, nos últimos tempos, uma alternativa metodológica bastante pesquisada, utilizada e abordada de variados aspectos, como afirmam vários autores.<sup>3</sup> As olimpíadas do conhecimento são estratégias muito eficazes como incentivo ao estudo e à formação continuada, levando estudantes e profissionais a se aperfeiçoarem continuamente.

Diversos autores da área pedagógica enfatizam que os jogos em grupo são importantes porque estimulam as atividades mentais e a capacidade de cooperação entre alunos. A matemática foi, pioneiramente, a disciplina que mais buscou se favorecer dos jogos didáticos escolares, propiciando o aparecimento das primeiras competições educacionais. As primeiras olimpíadas de conhecimento que foram criadas parecem ter sido as de matemática. Dentre elas, as mais antigas foram criadas na Hungria, no final do século XIX, mais precisamente, em 1894 (OLIMPÍADA, 2011). O modelo foi lentamente se espalhando por países do Leste Europeu e, depois, da então União Soviética, culminando na criação da Olimpíada Internacional de Matemática (IMO, da sigla em inglês), em 1959.

Nas décadas seguintes, outras olimpíadas internacionais foram instituídas, primeiro em disciplinas

relacionadas às ciências exatas, depois para outras áreas do conhecimento. Assim, em 1967 a Polônia organizou a primeira Olimpíada Internacional de Física (IPhO), com a participação de Bulgária, Hungria, Romênia e Tchecoslováquia; no ano seguinte, a Tchecoslováquia sediou a primeira Olimpíada Internacional de Química (IChO), que tiveram Polônia e Hungria como participantes. A primeira Olimpíada Internacional de Informática (IOI) foi organizada em 1989 no Cazaquistão, seguida, em um espaço de sete anos, por Biologia, Filosofia, Astronomia e Geografia. O nome é inspirado nas olimpíadas esportivas, em que atletas especialmente treinados competem por medalhas e cultivam os laços culturais e o espírito de nobreza. Tradicionalmente, as competições nas olimpíadas de conhecimento acontecem por meio de provas escritas e práticas às quais são dadas notas e, a partir destas, distribuídas medalhas. Algumas olimpíadas, notadamente as de filosofia, envolvem a produção de textos.

Aplicadas por área de conhecimento e tendo por base o nível educacional dos participantes, as competições escolares contemplam diversos objetivos subjacentes, sobretudo o despertar do interesse por determinada área de conhecimento, sua aplicabilidade na solução de problemas do cotidiano, conduzindo o educando a um envolvimento natural e estimulante na apreensão do saber.

De acordo com o tipo de competição, o trabalho em grupo é incentivado e desenvolve estratégias cooperativas de aprendizagem, contribuindo na formação para a liderança. São revelados talentos, pois potencializa a autonomia didática, melhorando valores afetivos como a autoconfiança e a autoestima. As mais diversas organizações, sejam elas empresariais, ONGs ou instituições de ensino, têm realizado olimpíadas de conhecimento com a finalidade de testar o conhecimentos dos participantes e premiar aqueles que se saírem melhor. Elas podem abranger desde disciplinas acadêmicas até conhecimentos específicos relacionados ao desempenho profissional. Alves (2001) classifica as competições escolares em dois tipos: as que exploram o rendimento físico em atividades esportivas e as que envolvem o conhecimento trabalhado e refinado em sala de aula.

Nesse segundo tipo de competição, é possível verificar, ainda, uma subdivisão em olimpíadas e gincanas, que podem ser desenvolvidas no formato individual ou coletivo. No formato individual, o competidor geralmente tem que obter a maior pontuação entre os vários competidores no conjunto de atividades propostas.

<sup>3</sup> Encontram-se, nas obras de Almeida (1987), estudos que apontam a importância dos jogos e das brincadeiras lúdicas, presentes na educação desde a Antiguidade. Conforme Piaget (2005), o desenvolvimento da criança perpassa pelo universo da magia e das brincadeiras para compreensão da realidade.

Como exemplo, tem-se a Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM).

No formato coletivo, os participantes atuam de forma cooperativa, em que times de alunos desenvolvem as atividades em grupo de modo que o objetivo da vitória seja alcançado. Nesse tipo de competição, é possível que um grupo de alunos tecnicamente mais capaz não seja o vencedor, pois as atividades serão voltadas para fortalecer o trabalho cooperativo em equipe e não o trabalho individual de cada membro da equipe. O melhor grupo, nesse caso, não é aquele em que há indivíduos melhor preparados tecnicamente, mas sim aquele que sabe complementar suas deficiências com o conhecimento que cada um tem, no momento em que precisar concluir uma tarefa.<sup>4</sup>

No âmbito do convívio, as olimpíadas coletivas promovem participações generalizadas, rompendo as convenções de preconceitos sociais, pois os alunos estão envolvidos em uma imediata solidariedade para atender aos seus objetivos. Para isso, deverão se conhecer e se empenhar de forma coordenada. Por sua vez, as gincanas assemelham-se às olimpíadas coletivas, contudo a diferença reside nas atividades, tendo como objetivo a participação dos alunos em ações sociais, como a arrecadação de alimentos e roupas, participações de cursos e serviços para diversas comunidades, entre outros. Esse tipo de competição, além de trabalhar com uma proposta temática, realiza o papel de sensibilização dos alunos para problemas sociais enfrentados por uma determinada comunidade.

No Brasil, as olimpíadas educacionais são organizadas por instituições de importância reconhecida pela sociedade e que buscam, por meio dessas atividades, incentivar a descoberta de novos talentos; abordar problemas relacionados ao cotidiano dos alunos; trazer situações nas quais estes se envolvam naturalmente com as disciplinas a fim de torná-las mais interessantes; proporcionar meios para que os alunos criem novos vínculos com a escola e também mudanças de atitude com relação às disciplinas; e melhorar valores afetivos como a autoconfiança e a autoestima do aluno, à medida que ele desenvolve sua capacidade de resolução de problemas. Além de todos esses resultados positivos, as olimpíadas também têm criado oportunidades para desenvolvimento pessoal, ocasionando impacto social positivo na vida de vários alunos carentes, como a concessão de bolsas de estudos para que esses alunos possam concluir o ensino médio em boas escolas e prestar vestibulares em conceituadas universidades públicas.

Tradicionalmente associadas à matemática e às ciências naturais, as olimpíadas de conhecimento apenas recentemente começaram a invadir o conhecimento humanístico brasileiro. Inspiração maior para a proposta deste trabalho, a ONHB surgiu da percepção de que as ciências humanas não têm uma real inserção dentro da divulgação científica em larga escala, e da proposta do Museu Exploratório de Ciências da Unicamp de contemplar as ciências humanas não como “paralelas” ou “decorativas”, mas como centrais dentro das preocupações de seus programas educativos. A metodologia é, basicamente, o trabalho em equipe, o tempo concedido para reflexão e estudo a partir das perguntas apresentadas, a utilização do arcabouço metodológico do historiador (uso de documentos, de imagens, de mapas, de artigos acadêmicos) e as atividades *online*. O objetivo é proporcionar estudo e reflexão sobre a História do Brasil (CAFÉ HISTÓRIA, 2011).

#### **4 MERITOCRACIA E COMPETITIVIDADE: VALORES CASTRENSES COMO AMBIENTE PROPÍCIO PARA AS OLIMPÍADAS DE CONHECIMENTO**

A carreira militar é pautada pelos princípios da hierarquia e respeito à disciplina, que traduzem a meritocracia. No universo militar ela é decisiva. Segundo Leirner (1997), a questão do mérito torna mais rápida a ascensão na carreira militar, o que evidencia essa característica. Assim, por meio de condecorações e do desempenho nos cursos que os oficiais militares realizam ao longo de sua carreira – desde o período de cadetes – sua patente pode ser maior em um tempo menor. Isso representa, na estrutura hierárquica militar, ser “o mais antigo” e, assim, ter maior voz de comando. O sistema classificatório torna-se, portanto, vital para o sucesso na carreira militar:

Os círculos hierárquicos e a distinção entre ‘liderança’ e ‘comando’ são elementos que já apontam para uma estrutura organizacional que a pirâmide não esgota. Num exame mais aprofundado, percebe-se que as medalhas, diplomas, cursos, etc. são a expressão de um elemento da hierarquia tão importante quanto suas patentes: o sistema classificatório. Este começa no primeiro dia da carreira militar e formalmente termina quando ele vai para a reserva. Pela classificação se define o que foi, o que é e o que vai ser cada indivíduo dentro da Força. A partir dela se definem as trajetórias pessoais e, como isso vale para todos, constitui um parâmetro para os militares pensarem sobre si mesmos. A classificação é uma espécie de pontuação na carreira militar: somam-se a ela notas

<sup>4</sup> Encontra-se em Teberosky (2002) a importância da estratégia de emulação positiva na aprendizagem em sala de aula. Na obra de Manacorda (2006), desde a educação clássica da Antiguidade até a Modernidade, observa-se sempre presente uma educação calcada no estímulo à competitividade.

e conceitos obtidos em cursos, medalhas, elogios e condecorações, assim como dela se subtraem punições e repreensões. Tudo isso, em conjunto, forma o mérito que o militar deve possuir para poder prosseguir na escala hierárquica. (LEIRNER, 1997, p. 83-84).

Podemos inferir que a educação castrense deve traduzir elementos que concorram para o despertar dos talentos de nossos discentes, além de contribuir para que o ambiente educativo corrobore as prerrogativas da meritocracia, estimulando que os melhores discentes sejam agraciados.

Olga Molina expõe a necessidade de se ensinar o aluno a estudar e de que o universo educativo apresente elementos desafiadores e motivadores para que o discente possa e queira aprender. Torna-se necessário, portanto, o despertar do interesse desse estudante para que o aprendizado se efetive:

O ato de estudar, nesta proposta, implica necessariamente a intenção do aprendiz em aprender algo a partir de um texto. [...] Importam aquelas atividades que representam um desafio interessante e compatível com o nível de desenvolvimento das capacidades e habilidades do aprendiz [...] a importância de uma intenção do aluno para uma aprendizagem mais eficiente. (MOLINA, 1985, p. 96-97).

Assim sendo, constituir uma disputa educacional em História Militar, concorrendo com seus pares discentes militares entre as Escolas de formação de oficiais brasileiros pode contribuir para despertar essa motivação, ser um estímulo para aprofundar seus conhecimentos na área e ser reconhecido por seus méritos acadêmicos, convergindo para um reforço educativo vinculado à ordem castrense meritocrática.

## 5 OLIMPÍADA DE HISTÓRIA MILITAR: UMA PROPOSTA A SER CONCEBIDA

Tendo por base todo o exposto, é possível perceber claramente que o ambiente acadêmico militar superior é propício para a instituição de uma competição educacional tendo por escopo conhecimentos de História Militar, considerados tão valiosos para a formação dos futuros oficiais. Amplos objetivos educacionais poderiam ser alcançados, acentuando a integração entre docentes e discentes da EN, da AMAN e da AFA no campo temático da História Militar. A ideia de uma Olimpíada de História entre aspirantes e cadetes adquire fundamentação nos diversos dispositivos das políticas de defesa e educacionais das Forças Armadas. Conforme registrou uma oportuna diretriz educacional do Exército Brasileiro:

A ênfase especial deve ser dada às atividades de leitura, de pesquisa científica, de autoaperfeiçoamento,

de gosto pelo estudo de idiomas estrangeiros, de informática e estudo de História Militar. O foco do processo ensino-aprendizagem continua sendo o discente, o trabalho em equipes constituídas, a troca de conhecimentos e de experiência. (BRASIL, 2006).

A criação e a modelagem de uma Olimpíada de História Militar envolveriam esforços conjugados de concepção e planejamento da EN, da AMAN e da AFA, condicionadas à supervisão e orientação de seus respectivos comandos e diretorias subordinadas. O evento seria promovido sob os auspícios do Ministério da Defesa com o apoio dos institutos de fomento à cultura e à História Militar, tais como o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), o Instituto Histórico Cultural da Aeronáutica (INCAER) e outros setores das Forças Armadas afeitos ao patrimônio histórico militar, citando aqui a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), o Arquivo Histórico do Exército (AHEx) e o Centro de Documentação e Histórico da Aeronáutica (CENDOC), que certamente devem estar envolvidos como órgãos fomentadores e de orientação. Em termos organizacionais, a Olimpíada de História Militar seguiria os modelos de interoperabilidade da NAVAMAER, sendo sediadas em regime rotativo na EN, na AMAN e na AFA.

Quanto ao custeio do evento, além dos recursos oficiais do Ministério da Defesa no incentivo à cultura e à educação militares, poderiam ser viabilizados, ainda, apoios financeiros com participação da iniciativa privada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como nas modalidades esportivas, para se obter um bom resultado em uma competição de conhecimento é importante que haja a preparação do “atleta”. Os competidores – aspirantes da EN e cadetes da AMAN e da AFA – atuariam sob a supervisão de seus treinadores – seus respectivos docentes de História Militar. O certame dar-se-ia nas categorias individual e por equipes, incluindo fases eliminatórias e finais, envolvendo a aplicação de testes, gincanas orais, produção de textos e pesquisas com base em referências bibliográficas e audiovisuais.

Para a consecução dessa iniciativa tornam-se necessários maiores estudos de viabilidade, e ainda a constituição de um comitê organizador, contando com a formação de um corpo científico para estabelecer procedimentos técnicos, garantir respaldo acadêmico e imparcialidade à competição. Também deve ser acurada a escolha do conteúdo programático para a Olimpíada de História Militar, tendo em vista não privilegiar conhecimentos específicos à História naval, à militar

terrestre e à aeronáutica, para evitar favorecimento de determinada Força em seus focos disciplinares. Da mesma maneira que ocorre em competições desportivas, a premiação aos vencedores da Olimpíada de História Militar se daria na forma de medalhas, podendo ainda recorrer a patrocínios junto a empresas e fundações que pudessem oferecer premiações suplementares.

Por fim, pode-se constatar que o processo educacional militar é muito mais amplo do que um simples processo de ensino militar. Ele extrapola

os limites da sala de aula e não se deve restringir ao tempo estabelecido nos planos de ensino das escolas militares. A educação militar deve acontecer em todas as oportunidades, moldando o caráter e a personalidade do oficial brasileiro. Produzir novas oportunidades e motivações é uma meta a ser perseguida pelo educador militar e a iniciativa de se instituir uma Olimpíada de História Militar durante o período de graduação dos futuros oficiais militares das Forças Singulares brasileiras contribuiria sobejamente para isso.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica** - técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1987.

ALVES, E. M. S. **A ludicidade e o ensino de matemática**: uma prática possível. Campinas: Papyrus, 2001.

BORUCHOVITCH, E. et al (Org.). **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRASIL. Comando do Exército. **Diretrizes Educacionais do Exército**. Brasília: Departamento de Ensino e Cultura do Exército, 2006.

CAFÉ HISTÓRIA. Uma Olimpíada Que Já Entrou Para A História. Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/arquivo-conversa-cappuccino-6>>. Acesso em: 26 jun. 2011.

CHANDLER, D. G. **The Military Maxims of Napoleon**. New York: Macmillan, 1997.

CLAUSEWITZ, C. **Da Guerra**. Prefácio de Anatole Rapaport. Tradução: Maria Teresa Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

FULLER, J. F. C. **The foundations of science of war**. London: Hutchinson & Co., 1926.

HUNTINGTON, S. **O Soldado e o Estado**: Teoria e Política das Relações entre Civis e Militares. Tradução: José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

LEIRNER, P. C. **Meia Volta Volver** – um estudo antropológico sobre a hierarquia militar. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MANACORDA, M. A. **História da Educação**: da Antiguidade aos nossos dias. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MOLINA, O. A Escola e o Ato de Estudar. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v.11, n. 1/2, p. 93-100, jan./dez. 1985.

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA. **Breve Histórico**. Disponível em: <[http://www.obm.org.br/opencms/quem\\_somos/breve\\_historico/](http://www.obm.org.br/opencms/quem_somos/breve_historico/)>. Acesso em: 27 jul. 2011.

OLIVEIRA, T. R. P. G. **Ensino de História Militar**: uma análise centrada na concepção do ensino de História na formação dos oficiais da Força Aérea Brasileira. 2001. Dissertação (Mestrado em Fundamentos da Educação)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Estudo da Guerra e a Liderança Militar Brasileira (1996-2004)**. 2004. Tese (Doutorado em Fundamentos da Educação)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

PIAGET, J. **A Representação do Mundo na Criança**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.

TEBEROSKY, A. O conhecimento cotidiano, escolar e científico no domínio da linguagem escrita. In: RODRIGO, M. J.; ARNAY, J. (Org.). **Domínios do conhecimento, prática educativa e formação de professores**. São Paulo: Ática, 2002.

WEIGLEY, R. F. **Novas Dimensões da História Militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.